

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

### A CINEMATECA COM O KINO: HISTÓRIA(S) DO CINEMA ALEMÃO

10 de Fevereiro de 2023

#### VON CALIGARI ZU HITLER:

#### DAS DEUTSCHE KINO IM ZEITALTER DER MASSEN

#### “DE CALIGARI A HITLER: O CINEMA ALEMÃO NA ERA DAS MASSAS” / 2014

um filme de RÜDIGER SUCHSLAND

*Realização, Argumento:* Rüdiger Suchsland *Montagem:* Katja Dringenberg *Fotografia:* Harald Schmuck, Frank Reimann *Som:* Tobias Schinko, Enrico Leube *Música:* Michael Hartmann, Henrik Albrecht *Vozes:* Rüdiger Suchsland, Hans-Henrik Wöhler *Misturas:* Tobias Fritzsch, Jürgen Schulz *Com:* Fatih Akin, Elisabeth Bronfen, Thomas Elsaesser, Volker Schlöndorff, Eric. D. Weitz.

*Produção:* Looks Filmproduktionen (Alemanha, 2014) *Produtores:* Martina Haubrich, Gunnar Dedio *Director de produção:* Jan Müller *Título Internacional:* FROM CALIGARI TO HITLER: GERMAN CINEMA IN THE AGE OF THE MASSES *Cópia:* DCP, cor, legendado em inglês e electronicamente em português, 118 minutos *Primeira exibição em Portugal:* 27 de Abril de 2015, na Cinemateca, com a presença de Rüdiger Suchsland (“A Cinemateca com o IndieLisboa’15 | Director’s Cut”) *Passagem anterior na Cinemateca:* 6 de Setembro de 2019 (“Luz e Espectros – Cinema de Weimar 1919-1933”).

---

“O que sabe o cinema que nos escapa?” A pergunta é o ponto de partida e atravessa o filme de Rüdiger Suchsland, um olhar sobre o cinema da República de Weimar, fabuloso período do cinema alemão e de toda a História do cinema, aqui encarado na perspectiva de como, nas suas vertentes expressionista, escapista, espectacular mas também mais sobriamente “naturalista”, aí se filmou entre o final da Primeira e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. O modo como o cinema invulgarmente fecundo da Alemanha desses anos “radiografou” profundezas subconscientes tomando o pulso da situação, do que era visível à superfície, do que estaria subterraneamente latente, esteve na origem do seminal estudo de Siegfried Kracauer a que Suchsland foi buscar o título para o seu filme-ensaio. Em *From Caligari to Hitler A Psychological History of the German Film 1919-1933*, também conhecido como “uma história psicológica do cinema alemão”, Kracauer (que escreveu o seu livro nos Estados Unidos na segunda metade dos anos 40 do século XX) diferencia diversos períodos no quadro dessa era, analisando os traços da emergência do nazismo descortináveis na efervescência que o cinema reflectia, profundamente ligado à vida da sociedade alemã.

Em VON CALIGARI ZU HITLER, sublinhando a noção da “era das massas” que o subtítulo associa ao cinema alemão da época, Suchsland retoma a tese de Kracauer, que considera “o guia perfeito para uma era fascinante nas suas contradições”, propondo a sua própria viagem pelas imagens desse cinema. Os grandes autores e os grandes títulos “de Weimar” – com Murnau e Lang à cabeça, Lubitsch, Pabst, Sternberg, Ruttman, Wilder mas também Emil Jannings, Marlene Dietrich, Louise Brooks ou Conrad Veidt são evocados ao lado de obras e protagonistas subestimados ou “esquecidos”, como Robert Reinert, Gerhard Lamprecht, Manfred Noa, Karlheinz Martin, Werner Hochbaum, Henrik Galeen, Richard Oswald, Reinhold Schünzel, Marie Harder ou, entre os actores, Gustaf Gründgens, Erna Morena. Ou Brigitte Borchert e Christl Ehlers, as duas raparigas de MENSCHEN AM SONNTAG / “PESSOAS AO DOMINGO” (1929), o inquietante belo filme colectivo “de Berlim” assinado por Curt e Robert Siodmak, Edgar G. Ulmer, Fred Zinnemann, a partir de um argumento de Billy Wilder e com fotografia de Eugen Schüftan. Parte destes nomes, algumas das suas obras,

foram entretanto apresentados na Cinemateca num programa dedicado ao cinema de Weimar, comprovando a fertilidade artística, a experimentação, a potência “reflexiva-reflectora” e contradições intrínsecas desse admirável mundo cinematográfico.

Fundamentalmente composto por uma montagem de imagens que *dá a ver* o panorama histórico que quer os entrevistados quer o texto *off* vão comentando, o filme termina com uma compilação informativa do destino de exílio dos protagonistas deste cinema, os mais e os menos famosos. Dando-lhes portanto visibilidade. O arrepio na espinha há-de tocar os espectadores nesse momento final de um longo plano de créditos que toma o seu tempo e ocupa o seu espaço neste filme, também questão de memória e recusa de esquecimento. Nas quase duas horas precedentes, a escolha criteriosa das imagens expõe em si mesma a tese de Suchsland, segundo a qual o cinema “é um sismógrafo” indicador do subconsciente cultural de uma sociedade a dado momento histórico. Os termos desta formulação surgem no filme seguinte do escritor-realizador alemão: HITLER’S HOLLYWOOD (2017, também já por ele apresentado na Cinemateca) volta a Kracauer para se lançar num retrato da extraordinariamente prolífera produção cinematográfica alemã de 1933 a 1945 que na Alemanha configurou o cinema do III Reich, ou seja, o período imediatamente seguinte a Weimar e ao objecto de VON CALIGARI ZU HITLER. Prosseguindo o trabalho sobre os filmes realizados entre o caligarismo de DAS CABINET e a chegada de Hitler à cena real, o cinema nazi analisado em HITLER’S HOLLYWOOD convoca um olhar que vai além da propaganda para se situar num território ainda menos desbravado que o da República de Weimar.

A aproximação da passagem do século cumprido sobre 1919, ano zero da República de Weimar, terá contribuído para a “recuperação” a que se assistiu nos últimos anos por via do resgate de uma série de obras durante largos anos invisíveis. O trabalho dos arquivos tem vindo assim suprir a falta de material, em preservações e restauros que voltam a dar vida em projecção a um importante corpo de imagens, e concomitantemente à sua possibilidade de existência efectiva ao lado de obras cujo poder e cujo fulgor contribuíram para estabelecer um cânone de luminosidade particularmente intensa, que atinge os negros recortes, mas é por isso mesmo ofuscante. Os estudos, retrospectivas, reavaliações dos últimos anos têm permitido encarar um panorama mais amplo. “Daydreams and Nightmares”, chamou-se a importante retrospectiva organizada em Nova Iorque pelo MoMA em 2010. Depois disso, a Kinematek organizou um extenso programa de revisitação extensível à Berlinale, e o BFI concentrou-se em “Beyond Your Wildest Dreams”, enquanto o programa de 2019 na Cinemateca se intitulou “Luz e Espectros – Cinema de Weimar 1919-1933”. Este ensaio filmado de Rüdiger Suchsland é, desde 2014, uma peça importante para a reflexão e na divulgação da cinematografia de Weimar.

Insistindo nas contradições da efervescência da época, o que as imagens retomadas por Suchsland nos mostram é a recorrência das presenças assombadoras nos filmes da era Weimar, os duplos do *doppelgänger*, os criminosos e assassinos, personagens loucas e tirânicas, os fantasmas e os demónios, do romantismo vampírico de Murnau em NOSFERATU à analítica ferocidade de Fritz Lang, de M a MABUSE, por onde o filme (inevitavelmente) começa e em muitos passos regressa. A série de associações estabelecidas por Suchsland, que nunca perdem de vista a coexistência destas personagens e temas com o escapismo e o naturalismo que lhes foi conterrâneo e, por outro lado, assume a dimensão pessoal da sua própria atracção cinéfila e alemã pela “história desta história”, vão no enalço da ideia inicial assumindo a vontade de notar como o cinema traçou a experiência de um país entretanto desaparecido. É também esse impulso de encontrar no cinema o que entretanto “escapou” que se encontra em *De Caligari a Hitler*.

Maria João Madeira